



A POTÊNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DE UMA ARIEL NEGRA: A CORPOREIDADE NEGRA COMO TERRITÓRIOS DE DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO

EL PODER DE REPRESENTATIVIDAD DE UNA ARIEL NEGRA: LA CORPOREIDAD NEGRA COMO TERRITORIOS PARA LA DECONSTRUCCIÓN DEL RACISMO

THE POWER OF REPRESENTATION OF A BLACK ARIEL: BLACK CORPOREALITY AS TERRITORIES FOR THE DECONSTRUCTION OF RACISM

Olívia Pereira Tavares¹

RESUMO

No entrelaçamento de estudos culturais pós-estruturalistas e estudos negros, esta pesquisa partiu da repercussão da divulgação do elenco da releitura em live-action da clássica animação *A pequena Sereia* (1989). O anúncio que a princesa sereia dos sete mares, Ariel, ganharia vida pela interpretação da artista negra Halle Bailey causou reações no público, tanto de apoio a escolha dos estúdios Disney, quanto manifestações de racismo. Para pensar sobre esta corporeidade protagonista nas telas, foi realizado o mapeamento de jornais, revistas e blogs *onlines*, artigos que versassem sobre a Ariel negra. Operando com conceitos de representação e negritude, argumento que este corpo negro ressignifica a personagem sereia-princesa-protagonista, podendo ser visto como território de potência de representatividade e desconstrução do racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Ariel negra. Corporeidade negra. Racismo. Representatividade.

RESUMEN

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS),

En el entrelazamiento de los estudios culturales postestructuralistas y estudios negros, esta investigación partió de la repercusión de la difusión del elenco de la relectura *live-action* del clásico de animación *La Sirenita* (1989). El anuncio de que la princesa sirena de los siete mares, Ariel, cobraría vida a través de la interpretación de la artista negra Halle Bailey, provocó reacciones en el público, tanto a favor de la elección de los estudios de Disney, como manifestaciones de racismo. Para reflexionar sobre esta corporeidad protagonista en las pantallas, se mapearon periódicos, revistas y *blogs online*, artículos que tratan del Ariel negra. Operando con conceptos de representación y negrura, sostengo que este cuerpo negro da un nuevo significado al personaje sirena-princesa-protagonista y que puede verse como un territorio de poder para la representatividad y desconstrucción del racismo.

PALABRAS-CLAVE: Ariel negra. Corporeidad negra. Racismo. Representatividad.

ABSTRACT

In the interweaving of post-structuralist cultural and black studies, this research started from the repercussion of the dissemination of the cast of the live-action re-reading of the classic animation *The Little mermaid* (1989). The announcement that the mermaid princess of the seven seas, Ariel, would come to life through the interpretation of black artist Halle Bailey caused reactions in the public, both in support of the choice of Disney studios, and manifestations of racism. To think about this protagonist corporeality on the screens, online newspapers, magazines and blogs were mapped, articles dealing with black Ariel. Operating with concepts of representation and blackness, I argue that this black body gives new meaning to the mermaid-princess-protagonist character, which can be seen as a territory of power for representativeness and deconstruction of racism.

KEYWORDS: Black Ariel. Black corporeality. Representativeness. Racism.

Um corpo negro nas telas de contos de fadas: uma introdução

Na semana passada, o estúdio anunciou a intérprete de Ariel no longa em formato live-action, cujas filmagens começarão em 2020. A escolha da norte-americana Halle Bailey, atriz e cantora de 19 anos, causou polêmica. Motivo: a jovem é negra. Pela segunda vez, uma afrodescendente interpretará uma princesa da Disney. Em 1997, Brandy Norwood fez o papel de Cinderela no longa que tinha Whitney Houston como fada madrinha e Whoopi Goldberg como rainha” (Brant, 2019)

O trecho que abre este artigo versa sobre representatividade negra em contos de fadas fílmicos da Disney em formato *live-action*² e parece acenar para a importância do

² A expressão *live-action* é popularmente utilizada para nomear filmes adaptados de quadrinhos, animações e de clássicos da literatura. Os significados das palavras *live* (vida) e *action* (ação) pode ser traduzida como ação ao vivo ou ato real. Neste sentido, filmes em formato live-action são produzidos

protagonismo negro nas telas como possibilidade de desconstrução do racismo. A releitura da clássica animação *A pequena Sereia* (1989), que está sendo produzida pelos estúdios Disney³ terá uma corporeidade negra a protagonizar a filha caçula do rei Tritão⁴ e “princesa dos 7 mares”. Apesar do alvoroço ocasionado nas redes sociais, diante do anúncio de Halle Bailey como escolhida para vivenciar a personagem, nas páginas que se seguem, propus construir análises que focalizassem a potência deste corpo negro nas telas. E, ainda, como as representações que a atravessam e a posicionam como uma corporeidade negra-sereia-princesa-protagonista pode conduzir a leituras de mundo a partir de perspectivas afrocentradas.

Ao escolher pensar a partir e com corpo negro de uma personagem protagonista, de um filme com roteiro de contos de fadas, é importante salientar que estas histórias são importantes artefatos do mundo ocidental e eurocentrado. Popularizados na modernidade, quando autores como Charles Perrault e, posteriormente, os Irmãos Grimm, transferiram da oralidade para as páginas dos livros e compilaram diversas histórias de contos de fadas, elas passaram a funcionar como “um guia para mostrar o comportamento que devia ser seguido em una sociedade”⁵ (MARROQUÍN, 2012, p. 85). Assim, o caráter educativo destas histórias era pautado por seus ensinamentos morais, buscavam instruir e normatizar os sujeitos, ao “transmitir verdades morais de um só sentido a partir da alegoria, que é responsável por misturar elementos reais e fantásticos, para contar, de forma simples, uma história verossímil”⁶ (MARROQUÍN, 2012, p. 85). Verdades morais estas, que parecem ser subvertidas pelas mudanças de roteiros e pela escolha de uma corporeidade negra colocada como protagonista.

Na contemporaneidade, os contos de fadas têm se proliferado em múltiplas releituras fílmicas, tal como Angela Maria Rodriguez Marroquín (2012) apresenta em seu estudo das transformações da imagem do feminino ao longo do século XX, a partir de produções fílmicas baseadas no conto de fadas Cinderela⁷. Este trabalho me

com atores e atrizes reais, podendo ou não fazer uso em suas filmagens de animações ou de produções computadorizadas.

³ O *live-action* de *A pequena Sereia* tem previsão de estreia em 2023.

⁴ Na animação da Disney de 1989, Ariel é filha de Tritão, o rei dos 7 mares. A produção tem diversos elementos advindos da mitologia e serão discutidos no decorrer do trabalho.

⁵ Texto original em espanhol: una guía para mostrar el comportamiento que se debía seguir en una sociedad.

⁶ Texto original em espanhol: “transmitir verdades morales de un solo significado desde la alegoria, la cual se encarga de mezclar elementos reales y fantásticos, para contar, de un modo sencillo, una historia verosímil”.

⁷ Seu estudo contemplou quatro curtas-metragens e seis longas-metragens como fontes históricas, produzidos entre 1936 e 2007, e incluem a animação Cinderela (1950) produzida pelos estúdios Disney.

movimentou a pensar como “um conto é facilmente reconhecido em diferentes culturas, dado que é apenas mencionar certas palavras como mulher, baile, Príncipe, sapato, ativa-se, na mente da pessoa que as escuta, a referência ao conto de Cinderela” (MARROQUÍN, 2012, p. 86-87). Este reconhecimento dos elementos presentes nos roteiros fílmicos de contos de fadas podem contribuir para tecer tramas pedagógicas que possibilitem pensar acerca da racialização de corpos nestas narrativas. A autora inspirou-me a pensar que, além destes elementos presentes no roteiro da trama fílmica dos contos de fadas, historicamente, a branquitude atravessa as representações de personagens e as narrativas destas histórias. E a escolha de uma atriz negra para vivenciar a protagonista pode ser visto como uma possibilidade de quebrar com o pensamento de que “a branca foi construída como característica associada a tudo que é bom, saudável, limpo e belo” (MEINERZ; PEREIRA, 2018, p. 173).

O anúncio que a atriz negra Halle Bailey interpretará Ariel no *live-action* esteve entre os assuntos mais falados no *Twitter* mundial por três dias⁸ e provocou distintas reações no público. A corporeidade e estética da personagem - que na obra de Christian Andersen tinha “a pele clara e delicada como uma pétala de rosa” e na animação da Disney de 1989 era branca e ruiva – agora é marcada pela negritude. Esta foi defendida por aqueles que apoiam a iniciativa da Disney em marcar a representatividade negra nas telas, mas também contestada, com manifestações de racismo diante da escolha.

Dada a repercussão do anúncio, busquei fazer um levantamento de fontes, de materiais que estivessem disponíveis *online* e que versassem sobre a Ariel Negra. Diversos materiais foram recuperados desde matérias em blogs, vídeos no *youtube* e matérias jornalísticas. Realizei uma seleção de materiais passíveis de análise, organizando-os em tabelas e destacando trechos destes materiais, no qual ressalto duas chaves analíticas: negritude e representatividade.

A escolha de exaltar a negritude, ao invés de focalizar apenas as manifestações de racismo, inspirou-se nos escritos de Grada Kilomba (2019). A autora apresenta que a necessidade fomentar processos de reconstrução dos sujeitos negros deve ir além da denúncia. Neste sentido, busquei olhar para as possibilidades de pensar como a educação pode “ser interrompida, apropriada e transformada pela prática artística e literária” (HOOKS, 1990, p. 152) e ser reconstruída por meio de atos de descolonização.

⁸ Informação obtida por meio da matéria Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/09/interna_diversao_arte,769358/ariel-negra.shtml> Acesso em 26 de novembro de 2021.

Parto, então, dos trechos dos artigos selecionados, para problematizar: Quais marcas, traços e sentidos são ressignificados por Halle Bailey, ao ser escolhida para protagonizar Ariel? Como as representações, marcadas nesta corporeidade e estética negras podem construir potências de representatividade? Na direção de tentar dar conta das perguntas e constituir um lastro teórico para a construção de argumentos, utilizei-me do autor Tomaz Tadeu da Silva (2010) e das autoras Dagmar Meyer (1999) e Bell Hooks (2019) para olhar para as representações que produzem o corpo de Halle e da personagem Ariel; para pensar a negritude e a corporeidade negra, Aimé Césaire (2010), Beatriz Nascimento (1974; 1976), Grada Kilomba (2019) e Nilma Lino Gomes (2003; 2012).

Metodologicamente, esta pesquisa, de caráter documental, produziu o material de análise a partir do mapeamento de artigos de blogs, jornais e revistas *online*. Para organizar os materiais recuperados e organizá-los, elaborei uma tabela, no qual estão contidos os *links* de acesso ao respectivo material. A seguir, foi organizada a tabulação de trechos de alguns dos materiais da primeira tabela e que possibilitaram conduzir a algumas chaves de análise: corporeidade negra/negritude e representatividade, no qual se apresentam como algumas das possibilidades de leituras a partir dos recortes de trechos em destaque dos documentos.

Para tentar conduzir a leitura do texto deste artigo, apresento a seguir os movimentos metodológicos. Estes foram sendo tramados a partir do argumento de um alargamento da produção fílmica. E este alargamento abarcaria uma série de eventos que o envolvem e que pretendo discorrer, antes de apresentar a produção dos dados da pesquisa. A seguir, passo a apresentar os conceitos de representação e de negritude como constituintes da corporeidade de Ariel. E por fim, teço algumas relações entre o material de análise produzido e a representatividade negra como territórios de desconstrução do racismo. Passo a apresentar os movimentos metodológicos tramados para a produção desta pesquisa.

Um filme não é apenas um filme, mas todos os elementos que o envolvem: mapeamento da repercussão de um anúncio de elenco como procedimento metodológico de pesquisa em Educação.

Esta seção destina-se a descrever os percursos e movimentos metodológicos realizados para construção deste artigo. Para isso, sistematizei-a da seguinte maneira:

primeiramente, disorro e argumento, brevemente, sobre uma mudança nos modos dos modos de assistir a filmes na contemporaneidade. Nesta direção, assumo que a análise fílmica mais do que apenas o ato de assistir a filmes, pois envolve uma série de movimentos, tais como o anúncio de uma produção, a sua divulgação e publicidade, o elenco escolhido, as críticas a obra e as interações que dele podem suscitar. E estes eventos que o envolvem podem ser potentes materiais a serem analisados no campo educativo. A seguir, apresento os procedimentos metodológicos de seleção de materiais utilizados nesta análise. Os artigos de blogs, revistas e jornais online selecionados para compor o *corpus* foram mapeados por meio de buscas e organizados em uma tabela, do qual foram selecionados e destacados alguns destes materiais, para compor as seções analíticas.

Inicialmente, importa destacar como o ato de assistir a um filme foi se modificando ao longo dos tempos. Eli Henn Fabris (2008, p. 118) afirmou que “assistir a um filme no cinema, na televisão ou em DVD, por exemplo, são práticas incorporadas de tal modo ao cotidiano de muitas pessoas que parecem estar aí desde sempre”. A afirmação da autora - em seu texto de pouco mais de uma década - possibilitou-me pensar que processos de mudanças nas sociedades, no qual estão envolvidas as formas de assistir filmes. Se nos anos 1980 e 1990, lembro-me da disputa para conseguir alugar a fita cassete e, posteriormente, os DVDs e *Blu-ray* dos lançamentos que chegavam às locadoras. Estas práticas parecem ter sido vivenciadas em tempos muito remotos. Nos últimos anos, fomos dominados pelas plataformas de *streaming* e com a possibilidade de assistir a um filme em qualquer hora e lugar, de distintos aparelhos, tais como Smart tvs, smartphones e/ou notebooks. Além de interagir nas plataformas, classificar e até tecer críticas sobre as produções. Estas interações não se dão apenas *a posteriori* do ato de assistir, mas inicia-se no momento de anúncio em muitas das produções.

Assim como os modos de ver os filmes foram sendo modificados ao longo dos tempos, as tramas fílmicas também parecem necessitar serem relidas, ao buscar reafirmações, atualizações e reelaborações em seus roteiros endereçados a sociedade contemporânea. Desta forma,

[...] o modo de endereçamento de um filme tem a ver, pois, com a necessidade de endereçar qualquer comunicação, texto ou ação “para” alguém. E, considerando-se os interesses comerciais dos produtores de filme, tem a ver com o desejo de controlar, tanto quanto possível, como e a partir de onde o espectador ou a espectadora lê o filme. Tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si

próprio e vende os produtos relacionados ao filme (ELLSWORTH, 2001, p. 24).

Na esteira do pensamento de Ellsworth, os filmes de contos de fadas e suas múltiplas releituras em *live-action* buscam construir diversos deslocamentos das narrativas literárias e das já consagradas animações cinematográficas, buscando conectar-se as necessidades de um público ao qual são direcionadas tais produções. Assim, as releituras atenderiam a apelos de uma sociedade, com a ampliação das possibilidades de roteiros, suas reelaborações e modificações. No qual,

[...] quem conta um conto aumenta um ponto [...], [no qual] a insistência na ideia de branqueamento, o suposto de que quanto mais branco melhor, fala não apenas de um acaso ou de uma ingênua coincidência em uma narrativa infantil, mas de uma série de valores dispersos na nossa sociedade e presentes nos espaços pretensamente mais impróprios. A cor branca, poucas vezes explicitada, é sempre uma alusão, quase uma bênção; um símbolo dos mais operantes e significativos, até os dias de hoje (SCHWARTZ, 1998, p. 176).

Em diálogo com a autora, a escolha da atriz negra para protagonizar Ariel pode acenar para as possibilidades não de aumentar, mas modificar certos pontos e pluralizar sentidos. E estas modificações atendem a demandas do contexto histórico em que são produzidos, no qual importa pensarmos acerca dos “processos que nos tornam sujeitos de determinado tempo, em um contexto determinado e situado” (CAMOZZATO; CARVALHO; ANDRADE, 2016, p. 11). Na esteira do pensamento da autora, escolher uma atriz negra como protagonista de Ariel nos convida a pensar quais as modificações ou rupturas de conhecimentos e saberes são possíveis e como um corpo pode ser visto como um território de desconstrução do racismo e (re)construção de significados.

Nesta direção, “a intensa produção de imagens e histórias ficcionalizadas que sempre estiveram presentes [...], parece revelar uma pista para entender o anseio por experiências e narrativas mais autênticas que vigoram na atualidade” (ANTUNES; AZEVEDO, 2019, p. 09). Assim, os roteiros dos “novos” filmes tentam inovar suas narrativas, adaptando-se a demandas do presente. Entretanto, as mudanças não acontecem sem tensionamentos. Ao mesmo tempo em que parece haver um interesse por “produções midiáticas que trazem como principal apelo sujeitos comuns, situações cotidianas e vidas reais” (ANTUNES; AZEVEDO, 2019, p. 09), também há “resistências” a mudanças de representações colocadas em circulação; tal como o caso de Ariel, no qual a corporeidade da personagem representada pela negritude é defendida, mas também contestada por parte do público.

Desta forma, vi no anúncio - e toda sua repercussão - da jovem atriz negra que protagonizaria na releitura da personagem Ariel como uma oportunidade de me desafiar. Este desafio envolveria pensar esta corporeidade negra não por uma perspectiva da negação do público a este corpo nas telas; mas pensar a personagem protagonista da sereia negra e princesa dos sete mares nas telas como potência de representatividade e posituação de corpos femininos negros representados no cinema.

Todavia, pensar esta potência de representatividade negra nas telas não significa dizer que a Disney assume uma postura ética sobre as relações étnico-raciais em suas produções. O que parece ser possível dizer sobre as releituras da Disney que afirmam ter pautas da diversidade funcionam como “um instrumento pedagógico e político para assegurar seus próprios interesses e sua autoridade e poder” (GIROUX, 2011, p. 134). Não vou me deter aqui nesta discussão, mas focalizar os efeitos da negritude posta em cena no filme.

Levando em consideração as mudanças nos modos de assistir um filme e na interação/relação do público desde o anúncio de uma produção cinematográfica, a escolha de Halle Bailey pareceu-me apresentar elementos potentes para pensar sobre as representações neste corpo feminino-negro-sereia-princesa são atravessadas por marcadores raciais.

Provocada por Renato Janine Ribeiro (1999, p. 191), ao dizer que os processos metodológicos devem ser “algo que nós vamos constituindo à medida que pesquisamos [...], à medida que escrevemos”, considero este processo como um roteiro em elaboração, que vai buscar inspiração em outras tramas de pesquisa, mas também de criatividade e de improvisos, que possibilitem contribuir para o campo e para produzir um desfecho produtivo. Desta forma, primeiramente, realizei um levantamento de artigos publicados que versassem sobre o anúncio da atriz Halle Bailey como protagonista a Princesa Ariel. Com a realização deste mapeamento, busquei pistas, tal como uma “caçadora teria sido a primeira a ‘narrar uma história’ porque seria a única capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos”⁹ (GINSBURG, 1989, p. 152). Embora não concorde com o autor que as pistas sejam mudas, mas como representações produzidas pela e na cultura, a ideia de seguir as pistas, rastros, indícios me pareceu atraente. Inspirada na perspectiva indiciária, realizei o levantamento de materiais sobre a repercussão do anúncio pela

⁹ Optei por apresentar a citação do autor no feminino por uma questão política.

palavra-chave *Ariel negra* no site de busca Google. Com os resultados recuperados, foi possível produzir uma tabela com alguns dos resultados. Nela, resalto o título da matéria, onde foi veiculada, a autoria e data de publicação e o link para acessar o material na íntegra, tal como mostra o exemplo exposto na tabela 1. Foram levantados 9 artigos sobre o tema, publicados no mês de julho de 2019, momento em que a atriz que vivenciaria Ariel foi divulgada.

TABELA 1: Modelo de tabela de levantamento de artigos sobre Ariel negra

Título da matéria/artigo	Veiculada em	Autoria e data da publicação	Link
Por que Halle Bailey não pode interpretar a sereia Ariel?	Omelete	Andreza Delgado 04.07.2019	https://www.omelete.com.br/filmes/por-que-halle-bailey-nao-pode-interpretar-a-sereia-ariel

Fonte: Produzida pela autora (2021)

A seguir, produzi uma segunda tabela, no qual selecionei trechos de alguns dos artigos e evidenciando duas chaves analíticas.

TABELA 2: Textos e chaves de análise

Trechos das fontes selecionadas	Chave-analítica
<p>“afinal a Disney raramente contrata atrizes negras para o papel de princesas e protagonistas” (Fala, colega!).</p> <p>“a possibilidade de que personagens clássicas sejam de outras etnias favorece para a construção da autoestima de meninas negras, em geral sub-representadas” (Fala, colega!).</p> <p>“Aí a produção divulgou que a cantora Halle Bailey interpretaria Ariel. Sim, uma artista negra” (Purebreak).</p> <p>“A escolha da norte-americana Halle Bailey, atriz e cantora de 19 anos, causou polêmica. Motivo: a jovem é negra” (Correio Braziliense).</p> <p>“A escolha da jovem de 19 anos levantou uma discussão sobre racismo no Twitter, uma vez que na animação original, Ariel tem pele branca e cabelos ruivos e Halle, escolhida para fazer sua versão “humana” é negra de cabelos pretos” (Veja SP).</p> <p>“Ao invés de ser uma notícia que agradasse todo mundo, um detalhe fez com que começasse mais uma daquelas intermináveis discussões no berço das pessoas que tudo odeiam a Internet: quem viverá Ariel é a atriz Halle Bailey. A adolescente de 19 anos foi descrita por Rob Marshall em entrevista ao</p>	Negritude

<p><i>HollywoodLife</i> como uma “rara combinação de espírito, coração, juventude, inocência e substância - além de uma gloriosa voz - todas as qualidades intrínsecas necessárias para desempenhar esse papel icônico”. Ah, o detalhe: ela é preta”. (União)</p>	
<p>“O protagonismo de Halle no live action ao dar vida a Ariel promove a representatividade no filme, e muda a perspectiva de muitas outras crianças, jovens e adultos desta e das futuras gerações fora das telas” (Fala, colega!).</p> <p>“a possibilidade de que personagens clássicas sejam de outras etnias favorece para a construção da autoestima de meninas negras, em geral sub-representadas” (Fala, colega!).</p> <p>“Pela segunda vez, uma afrodescendente interpretará uma princesa da Disney. Em 1997, Brandy Norwood fez o papel de Cinderela no longa que tinha Whitney Houston como fada madrinha e Whoopi Goldberg como rainha” (Correio Braziliense).</p> <p>“Há quem tenha enxergado o convite à cantora como uma forma de promover representatividade no filme da Disney, outros, no entanto, afirmaram que a mudança descaracterizaria a história” (Veja SP)</p>	<p>Representatividade</p>

Fonte: Produzida pela autora (2021)

A partir dos recortes dos materiais selecionados, duas chaves de análise emergiram dos trechos dos materiais: representatividade e negritude. E com estas chaves, proponho-me a entrelaçar trechos destes materiais com conceitos e relações possíveis para pensar esta corporeidade negra como mais que apenas um corpo, mas como potência de des-re-construção das relações étnico-raciais e território de desconstrução do racismo. Sem a pretensão de colocar a representatividade por uma perspectiva salvacionista e de resolução dos problemas raciais, pretendo olhar para o corpo de Ariel como um deslocamento que não abarca em si uma grandiosidade revolucionária, mas que se pensou como um pequeno evento guardião de uma potência, uma semente (KAERCHER, 2018). Para desenvolver a discussão proposta, passo então apresentar os conceitos protagonistas desta análise.

Ariel negra como uma proposta descolonizadora: os conceitos de representação e negritude como ferramentas analíticas

“A escolha da **jovem** de 19 anos levantou uma discussão sobre racismo no Twitter, uma vez que na animação original, Ariel tem pele branca e cabelos

ruivos e **Halle**, escolhida para fazer sua versão “humana” é negra de cabelos pretos” (Veja SP, 2019).

“Aí a produção divulgou que a cantora **Halle Bailey** interpretaria Ariel. Sim, **uma artista negra**” (RIGOTTI, 2019).

Os dois trechos em destaque escolhidos para abrir esta seção exaltam algumas das posições assumidas por Halle Bailey e que nos dão pistas de quem ela é: jovem, artista e cantora. A ela foi conferida, também, a posição de protagonizar a “versão humana” da personagem Ariel. Todavia, a negritude de seu corpo carrega em si uma contradição; em que ao mesmo tempo em que o racismo opera e nega a esta corporeidade de ocupar tal posição de protagonismo, também possibilita que as representações marcadas em Ariel seja ressignificada por esta negritude marcada no corpo de Halle. A figura 1 apresenta as representações da Disney de Ariel na animação e a atriz escolhida para encenar a personagem no *live-action*.

FIGURA 1: Representações de Ariel



Fonte: <https://estacaogeek.com.br/wp-content/uploads/2019/07/Nova-Ariel-Pequena-Sereia.jpg>

Ao considerar o anúncio de Halle Bailey para protagonizar Ariel como um convite e, também uma provocação, pensei em como esta corporeidade negra e sua repercussão poderiam ser uma oportunidade de “intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e de autodefinição” (HOOKS, 2019, p. 36). Ao olhar para o evento não apenas pelas lentes da denúncia de racismo proclamado a atriz e ao personagem mítico da sereia princesa da Disney, mas como estratégia pedagógica do que esta corporeidade negra e das representações que a atravessam podem possibilitar pensar. Nesta direção, é importante o que é aqui considerado como representação. Este é visto como as práticas de significação e os processos simbólicos, que envolvem a construção dos significados na/pela linguagem e que a define “como marca, traço

significante e não como processo mental” (SILVA, 2010, p. 32). Dito de outro modo, as práticas de significação e os sistemas simbólicos seriam responsáveis por atribuir sentido a construção de nossas experiências e contribuiria para dizer aquilo que somos e aquilo que não somos (MEYER, 1999). Na esteira deste pensamento, é possível inferir que as representações em torno do corpo da atriz de Halle Bailey reorganizam a personagem sereia-princesa-protagonista. Mas quais as modificações e ressignificações são possíveis de serem pensadas pela corporeidade negra?

A corporeidade sereia parece ser ressignificada pela negritude. Estas criaturas míticas conhecidas e difundidas na cultura ocidental e eurocêntrica são representadas com busto feminino e cauda de peixe. Na “mitologia grega, as sereias habitavam os rochedos entre a ilha de Capri e a costa da Itália, e que eram filhas do rio Achelous e da musa Terpsícore” (PARADISO, 2010, p. 07). Segundo o autor, estes seres fantásticos eram marcados pela beleza e atraíam tripulações de navios para a morte por meio de seu canto, ao fazê-los colidir e afundar nos rochedos.

Ao levar em consideração o caráter educativo das imagens postas em funcionamento em uma produção fílmica, inspiro-me em Nilma Lino Gomes (2012), ao apresentar o caráter educativo de uma peça teatral e do que esta pode ser capaz de mobilizar na articulação de conhecimentos, da cultura e da política. Esta articulação pode ser capaz de proporcionar uma aula efetiva e didática para a pessoa que o assiste. A partir do que a autora nos apresenta, um filme – assim como os eventos que o envolvem – podem ser potentes para estabelecer as relações propostas pela autora. Ao pluralizar as possibilidades de como um corpo pode ser representado, o filme parece oferecer ao público espectador uma tentativa de quebrar a hierarquia de conhecimentos e saberes tomados como naturalizados e superiores. Neste sentido, haveria uma ressignificação da sereia pelo marcador da negritude. O trecho, colocado em destaque a seguir, contribuem para pensar esse processo de ressignificação.

A adolescente de 19 anos foi descrita por Rob Marshall em entrevista ao *HollywoodLife* como uma “rara combinação de espírito, coração, juventude, inocência e substância - além de uma gloriosa voz - todas as qualidades intrínsecas necessárias para desempenhar esse papel icônico”. Ah, o detalhe: ela é preta (ISMAEL, 2019).

Ao olhar para o trecho supracitado por uma perspectiva afrocentrada, ressalto dois pontos a serem destacados. Primeiramente, o talento da atriz e a negritude parecem reorganizar o corpo-personagem Ariel, redefinindo quem pode ser a sereia, quem pode

ser a realeza, enfim, quem pode ser protagonista. Em segundo lugar, as representações que conformam o corpo desta “nova” Ariel possibilitam “defender uma ação transformadora capaz de encontrar maneiras de (re)inventar um mundo possível, numa perspectiva estética, ética e política” (BORGES, 2019, p. 11). Representações que possibilitam enaltecer um regime de visibilidade da negritude positivada, que perpassa o protagonismo do filme e subsidia pensar em relações socio-raciais na contemporaneidade.

Neste sentido, importa articular aqui, com o conceito de negritude. Pelas lentes de Aimé Césaire (2010, p. 108) a negritude transcende a biologia e “faz referência a qualquer coisa de mais profundo, mais exatamente a uma soma de experiências vividas que terminaram por definir e caracterizar uma das formas de humanismo criado pela história; é uma das formas históricas da condição humana”. Estas experiências de vida marcam os sujeitos, ao hierarquizá-los e excluí-los. No sentido de buscar desconstruir estas hierarquizações, Carlos Moore (2010), aponta que a negritude pode ser vista como um potente conceito de luta social e descolonização de saberes, ao ser capaz de produzir uma positivação das pessoas negras. Esta positivação se dá por meio de seus movimentos políticos e estéticos, ao buscar construir outros contornos culturais, políticos e psicológicos, em busca de combater o racismo e colocar a centralidade nas pessoas negras. Ainda, Moore, ao apresentar a importância do pensamento de Aimé Césaire (2010), na constituição do conceito, vai apontar que “a negritude pode ser apreendida como o fruto do amadurecimento gradativo de toda uma linhagem de pensamento, de ambos os lados do Oceano Atlântico, sob a condição dos africanos no seu continente e de seus descendentes na diáspora” (MOORE, 2010, p. 08). A potência deste conceito para pensar o corpo de Halle Bailey nas telas posicionada como protagonista parece deslocar e ressignificar marcadores de quem pode ser princesa da Disney, quem pode ser a sereia, quem pode ser da realeza. Mesmo que estas mudanças não aconteçam sem tentativas de deslegitimação marcada pela cor de pele e racialização da negritude, ocupar estes espaços possibilitam leituras sobre estas mudanças e acena possibilidades de desconstrução do racismo. A seguir, passo a discutir e adensar as discussões em torno da corporeidade marcada pela negritude.

Um corpo não é apenas um corpo, mas tudo que pode representar: o corpo de Halle Bailey como território de potência de representatividade negra.

O **protagonismo de Halle** no live action ao **dar vida a Ariel** promove a **representatividade no filme**, e muda a perspectiva de muitas outras crianças, jovens e adultos desta e das futuras gerações fora das telas (GONÇALVES, 2019).

a possibilidade de que personagens clássicas sejam de outras etnias favorece para a **construção da autoestima de meninas negras**, em geral sub-representadas (GONÇALVES, 2019)

afinal a Disney **raramente** contrata **atrizes negras** para o papel de **princesas e protagonistas** (GONÇALVES, 2019).

Ao olhar para um corpo “como territórios vivos e históricos que aludem a uma interpretação cosmológica e política, no qual habitam nossas feridas, memórias, saberes, desejos, sonhos individuais e coletivos” (HERNÁNDEZ, 2016, p. 43). Cruz Hernández (2016) inspirou-me a pensar o corpo negro de Ariel como um território de potência de representatividade; representatividade esta, no qual a negritude pode ressignificar o corpo-personagem.

Inspirada por Rogério Hasbaert (2020) assumo que um corpo pode ser visto como uma espacialidade pedagógica capaz de atribuir significados as representações que as marcam. Para tecer e aprofundar esta afirmação tramo aqui o argumento de Beatriz Nascimento de pensar o corpo como um documento, no qual corpos negros não devem ser vistos apenas pelas marcas da aparência, pelo qual são discriminados. Para autora, a “cor de pele, textura do cabelo, feições do rosto - pelas quais negras e negros são identificados” (RATTS, 2017, p. 68) podem ser vislumbrados como território de potência estética de representatividade de uma negritude positivada. Nesta direção, importa destacar o levantamento do Relatório de Diversidade de Hollywood realizado pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), realizado em 2019.

O estudo revelou dados assustadores, mas não surpreendentes, **sobre representatividade** nos blockbusters estadunidenses de 2017. Foram analisados 200 filmes e mais de 1.200 programas televisivos. Foi apontado que **80,2% dos protagonistas destas produções eram de raça branca, enquanto as demais etnias (preta, asiática, nativo americana, latina) se**

dividiram com 19,8% dos papéis principais. É importantíssimo salientar que nos EUA as pessoas não-brancas representam quase 40% da população, então os números precisam dobrar para que a divisão seja minimamente justa -- e personagens como a nova Ariel vão ajudar nessa caminhada (ISMAEL, 2019).

Pensar sobre a corporeidade e estética negra representadas em produções fílmicas, não pelo olhar da falta e da denúncia, mas “como suporte de construção da identidade negra” (GOMES, 2003, p. 173), não significa negar a necessidade de apontar e elucidar as desigualdades raciais. Também, vale ressaltar, que apenas a representatividade não vai assegurar “um novo modo de ser ‘negra’, ‘genuíno’, ‘primordial’ (KAECHER, 2006, p. 20). Porém, a relevância que a representatividade negra em posição de protagonismo em filmes blockbusters¹⁰ estadunidenses pode assumir revelou-se, na produção de *Pantera Negra* (2018), como uma instância de “produção política e estética que pretende trazer à tona uma reflexão crítica sobre as desigualdades provenientes dos processos colonizadores” (FREITAS; SOUZA, 2019, . ?). Sem a pretensão de colocar aqui o filme de *A pequena sereia* – ainda não lançado – no mesmo patamar¹¹, importa aqui pontuar que este filme vai inaugurar o protagonismo negro¹² em contos de fadas em *live-action* da Disney. E que, além de Halle Bailey, contará com outros atores e atrizes negros na produção, tal como a atriz Noma Dumezweni, como a mãe de Ariel e o ator Daveed Diggs, como Sebastião. Inspirada em Gladis Kaercher (2006, p. 20), estes pequenos movimentos podem contribuir, neste tempo, para pensarmos nas possibilidades de fazer “pequenas rupturas, dobras, nervuras”. A partir do que foi dito até aqui, quem é este corpo que ressignifica Ariel? Quem é Halle Bailey?

Halle Lynn Bailey¹³ é uma jovem cantora, compositora, atriz e personalidade nas mídias sociais, de 21 anos, estadunidense, nascida no estado da Georgia. Quando tinha apenas 8 anos, juntamente com sua irmã Chloe, de 10 anos, o pai começou a ensinar a

¹⁰ Os significados da palavra *blockbuster* estão relacionados a artefatos culturais, tais como livros, filmes e exposições, que atinge grande popularidade ou sucesso. Informação disponível em: <https://dicionario.priberam.org/blockbuster> Acesso em 03 de outubro de 2021.

¹¹ Como uma pesquisadora de contos de fadas fílmicos, não consigo negar as expectativas em relação a produção.

¹² Embora, o filme *Cinderela* (1997), protagonizado por Brandy Norwood, aqui, aponto que *A pequena Sereia* será o primeiro filme desta geração de grandes produções de releituras de contos de fadas fílmicos, inaugurada com o filme “Encantada” em 2007 (TAVARES, 2018, 2020).

¹³ Para saber mais: Sete coisas que você precisa saber sobre Chloe X Halle, novo fenômeno do R&B. 2020. Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/7-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-chloe-x-halle-novo-phenomeno-do-rb/>>. Acesso em 15 de setembro de 2021, as 13 horas e 55 minutos.

Conheça a voz de Halle Bailey, a nova Ariel de *A Pequena Sereia*, em covers no YouTube. 2019. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/conheca-voz-de-halle-bailey-nova-ariel-do-filme-pequena-sereia-em-covers-no-youtube/>>. Acesso em 15 de setembro de 2021, as 13 horas e 59 minutos

arte de escrever composições. Em busca de promover e divulgar as vozes das duas meninas, a criação de canal no *YouTube* da dupla Halle e Chloe – aos 11 anos e 13 anos, respectivamente – teve sua estreia do canal com o cover de *Best Thing I Never Had* daquela que seria sua “fada madrinha”. As vozes das meninas chamaram a atenção de Beyoncé, que amadrinhou a dupla e contribuiu para dar visibilidade as duas, impulsionando suas carreiras.

E o caminho para tornar-se conhecida parece, então, ter vindo pela música, que acabou encaminhando-a para a carreira de atriz. Tendo apenas pequenas participações em filmes, tal como *Let It Shine* (2012), ingressou na série de *TV Grown-Ish* - que estreou a quarta temporada nos Estados Unidos em julho deste ano (2021) - para dar vida a personagem de Sky Forster. Sua participação na série se deu pelo lançamento a música tema da série intitulada *Grown*. Também a música *The Kids Are Alright* foi incorporada no episódio de estreia da série.

A escalção para protagonizar Ariel, na releitura em *live-action* da consagrada animação da Disney de 1989, necessitava de uma atriz, que como Halle tivesse o talento para a música, pois seria necessário para gravar e executar a trilha sonora do filme. Mas quem é Ariel?

Ariel é uma personagem princesa-sereia e que encanta os sete mares com sua linda voz. Criada pela Disney como a protagonista da trama da animação de *A Pequena Sereia*, filme no qual teve sua primeira aparição. O sucesso da personagem rendeu a produção de uma série com o mesmo nome do longa de animação e também uma *prequel*¹⁴ *A Pequena Sereia: A História de Ariel* (2008). Além disso, o filme ganhou uma sequência, *A Pequena Sereia 2: O Retorno para o Mar*", em que a protagonista é a filha de Ariel e de Eric, a jovem Melody. A personagem teria sido baseada no conto de Hans Christian Andersen, mas distinta da obra literária. Com os cabelos longos e vermelhos e personalidade impulsiva se distinguiram da sereiazinha de Andersen, que tem um fim trágico e desaparece ao se transformar em espumas do mar.

¹⁴ Uma *prequel* apresenta a história anterior a um filme ou série já estabelecida. Tem por objetivo contar as origens de um personagem ou de um trama. Um exemplo é *O Hobbit* que conta a história predecessora ocorrida na trilogia *Senhor dos Anéis*.

IMAGEM 3: Princesa Ariel, na animação A pequena Sereia (1989)

Fonte: Disney

No roteiro da animação de 1989, Ariel vive no reino de Atlântida, governado pelo rei dos mares e seu pai, Tritão. Apesar da vida de realeza em Atlântida, Ariel sonha em conhecer mais sobre o mundo fora do mar. Com seu companheiro de aventuras Linguado, Ariel desbrava os oceanos em busca de artefatos humanos para compor sua coleção. Coleção esta que fica escondida em uma gruta. Nestas buscas de por desbravar o oceano, Ariel acaba por salvar um humano, o Príncipe Eric. Quando o rei Tritão descobre a coleção e a desobediência de Ariel dos ordenamentos do reino sobre subir a superfície e salvar um humano, o rei exaltado e diz a princesa que “o contato entre humanos e o povo do mar é estritamente proibido, Ariel você sabe disso”. Mas a princesa, apaixonada por Eric, troca sua voz por pernas em um contrato com Ursula, a bruxa do mar. Segundo Cláudia Cordeiro Rael (2010, p. 163), a animação de *A Pequena Sereia*, assim como as outras animações que envolvem sua pesquisa, roteiriza comportamentos e ações de uma “garota ideal”. Na esteira do pensamento da autora, sobre as representações das personagens, quais os elementos são levados em consideração para contestar a escolha da atriz?

O racismo dirigido a atriz Halle Bailey ao ser a escolhida como protagonista de Ariel não vai levar em conta o talento para representá-la, nem a beleza da atriz, mas a racialidade de seu corpo. Os argumentos eram os mais diversos, como por exemplo, a postagem feita no *twitter*, no qual a usuária apresentou a seguinte comparação: “Convenhamos que é ridículo uma atriz negra a fazer a Pequena Sereia. Tal como seria ridículo por uma atriz branca a fazer a Princesa e o sapo. Sejam coerentes. Obrigada!” (Tuíte de @saravieiraa, 4 de julho de 2019). Ao traçar comparações entre as personagens protagonistas de duas animações da Disney, Ariel, de *A Pequena Sereia* (1989) e Tiana, de *A princesa e o sapo* (2009), a usuária tenta mascarar o racismo, desconsiderando que Tiana é uma personagem retratada no contexto estadunidense, das primeiras décadas do século XX e trabalhadora de Nova Orleans, com dois empregos e bastante distinta das representações de princesas Disney marcadas pela branquitude. Enquanto Ariel é uma sereia, um ser mitológico, não possuiriam uma etnia/raça específica.

Outros argumentos racistas fizeram apelos de que não há personagens negras ou sereias negras na mitologia¹⁵, ou ainda, que Ariel era baseada na obra dinamarquesa de Christian Andersen. A estas e outras tentativas de deslegitimar o protagonismo da “nova” o canal Freeform, da Walt Disney Television, defendeu Bailey por meio de uma carta aberta dirigida “as almas pobres e infelizes”:

Sim. O autor original de 'A Pequena Sereia' era dinamarquês. Ariel... é uma sereia. Ela vive em um reino subaquático em águas internacionais e pode nadar legitimamente onde quer que ela queira (mesmo que isso muitas vezes perturbe o Rei Tritão). Mas, para argumentar, digamos que Ariel também seja dinamarquesa. As sereias dinamarquesas podem ser negras porque os dinamarqueses *pessoas* podem ser negros. Ariel pode se esgueirar até a superfície a qualquer momento com seus amigos Linguado e o caranguejo jamaicano Sebastião, e manter essa base de bronze firme (...). Os negros dinamarqueses e, portanto, os *mer-folk* (raça de humanoides que podem viver debaixo d'água), também podem *geneticamente* (!!!) ter cabelos ruivos. Mas alerta spoiler – para trazê-lo de volta ao topo – o personagem de Ariel é uma obra de ficção. Então, depois de tudo isso dito e feito, e você ainda não consegue superar a ideia de que escolher a incrível, sensacional, talentosa e

¹⁵ A partir de autores como Clyde Ford, Marcel Detienne e Mircea Eliade, Renato Noguera (2018, p. 13) apresentam um entendimento de mitos “como elementos vivos que dão sentido à vida. De modo geral, um mito é uma explicação da realidade que narra o nascimento do mundo, do ser humano e de como ele deve viver e encontrar sentido para sua existência”. Ao nos deslocarmos da ideia de universalidade, é possível assumir que se os mitos buscam formular explicações para “realidade”, a eles podem ser atribuídos diferentes sentidos e significados conforme o contexto histórico-social e cultural a que está inserido. Se levarmos em consideração o que Celiana Maria dos Santos (2013) ainda é possível pode acrescentar que a mitologia apresenta um caráter constitutivo de determinada cultura e possibilita vislumbrar as diferentes noções de tempo das sociedades”. A afirmação da autora, acrescento ainda, que é importante nos deslocarmos de nossa visão de mundo para compreender as diferenças nos entendimentos de cada sociedade, suas crenças e ritos, sem tentar encaixá-las a compreensões eurocentradas.

linda Halle Bailey é outra coisa senão uma inspiração de elenco, que é porque ela 'não se parece com o um dos desenhos animados, oh garoto, eu tenho algumas novidades para você... sobre você. (Carta Aberta do Canal Freeform).

A carta aberta vai rebater os argumentos racistas e apresentar Ariel como uma ficção. Todavia, aqui não pretendo fazer tal separação entre fantasia e realidade, mas pensar uma corporeidade negra e protagonista e do que ela a partir dela e com ela é possível ser pensado. Nesta direção, Silvana Goellner (2010), diz que “um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno”, me inspira a pensar, também, quais significados podem ser construídos a partir de determinado corpo e os sentidos dados as marcas que ele carrega. Desta forma, torna-se possível pensar um corpo não é apenas um corpo, mas as possibilidades do que ele pode representar. A imagem 3 carrega as representações da sereia princesa Ariel protagonizada por Halle Bailey e pela negritude de seu corpo.

IMAGEM 4: Ariel protagonizada por Halle Bailey



Fonte: <https://i0.wp.com/pipocamoderna.com.br/wp-content/uploads/2020/03/the-little-mermaid.jpg>

Em linhas de análise, é possível, olhar para o corpo de Halle ressignifica Ariel e marca com a negritude de seu corpo e parte do público manifesta racismo a esta corporeidade. Estas manifestações parecem mascarar o mito da democracia racial sob os rótulos de controvérsias e polêmicas, vinculando-o a intimidade e a informalidade, ao fazer “da desigualdade uma etiqueta internalizada e da discriminação um espaço não

formalizado” (SCHWARCZ, 1998, p. 184). Na esteira do pensamento da autora, a discussão sobre os anúncios de elenco de um filme e quem pode ser a corporeidade para representar determinada personagem pode ser um potente instrumento para mostrar como, a constituição da narrativa histórica é marcada, igualmente, pela branquitude. Também possibilita pensar que a branquitude anuncia quem pode ser o corpo representado em determinada posição. Neste sentido, a representatividade vista como potência de desconstrução do racismo, ao ser pensada como um objeto e uma ferramenta nos estudos das relações étnico-raciais no campo da educação.

Entretanto, ao invés de seguir este caminho, escolhi pensar o que este corpo pode me propiciar pensar. Como é possível pensar nele como um corpo-território de representações ou, ainda, um território-corpo de possibilidades de ensino comprometido com a luta antirracista e de virada decolonial.

A representatividade negra nas telas, posicionada como protagonista me inspira a pensar em como os corpos negros podem ser colocados em evidência tanto nas telas, como na vida. Pensar este corpo negro da princesa sereia e o seu reino no fundo do mar pela perspectiva da negritude parecem acenar para deslocamentos da lógica colonial dos contos de fada. Mas, também, nos dão pistas de possíveis relações com as modificações de representações presentes na cultura. Neste sentido, Fernanda Oliveira e Priscila Nunes Pereira (2019) movimentam-me a pensar sobre a importância da afirmação de existência, capazes de transmutar ausências em presenças. Os efeitos da atuação de mulheres negras como protagonistas parece ter potência de deslocar o eurocentrismo de sua centralidade, constituindo-se em potência de representatividade.

Considerações Finais

Ao longo destas páginas, propus uma tentativa de compor relações entre a negritude como protagonista nas telas e a possibilidade do que um corpo negro como protagonista pode suscitar. Busquei produzir tramas com esta corporeidade negra e de como as representações do corpo de Ariel passam a ser ressignificadas pela negritude de Halle Bailey.

A partir do mapeamento dos artigos que versavam sobre o anúncio de Halle Bailey, a “desmontagem dos artigos”, a reorganização em tabelas e a produção de chaves analíticas da representatividade e da negritude possibilitaram tecer leituras da negritude positivada. Lançando mão de conceitos de representação e de negritude como

protagonistas desta trama, foi possível tecer argumentos sobre a potência a corporeidade negra nas telas como protagonista.

Um corpo negro que parece provocar um deslocamento pedagógico, ao focalizar a negritude sereia e princesa da Disney e dar outro sentido ao corpo de Ariel, no qual a negritude não mais apenas como escravizada, mas no centro da trama fílmica. Assim, a representatividade das telas e a discussão em torno da escolha da atriz negra como protagonista de Ariel desloca e ressignifica marcadores quem pode ser princesa da Disney, quem pode ser a sereia, quem pode ser da realeza. Mesmo que estas mudanças não aconteçam sem tentativas de deslegitimação marcada pela cor de pele e racialização da negritude, ocupar estes espaços possibilita outras leitura e provocam mudanças e possibilidades de desconstrução do racismo. Sem superestimar a representatividade como única e exclusivamente responsável por desconstruir o racismo e o preconceito, importa olhar a potência que ocupar estes espaços pode suscitar e seus desdobramentos pedagógicos.

Referências

ANTUNES, Amanda; AZEVEDO, Marcella. “Tão famosos que você provavelmente nunca ouviu falar”: uma reflexão sobre a “nova” categoria de sujeitos influenciadores do consumo. *Revista Famecos*, v. 26 n. 3, 2019.

A *PEQUENA SEREIA*. Direção John Musker e Ron Clements. Produção: Howard Ashman e John Musker. 1989. 1 filme (82 min), son., color, 35 mm.

BRANT, Ana Clara. Ariel negra causa polêmica entre os fãs de 'A pequena Sereia'. *Correio Braziliense*. Brasília. 9 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/09/interna_diversao_arte,769358/ariel-negra.shtml> Acesso em 28 de setembro de 2021.

BORGES, Rosane. Prefácio a edição brasileira: das perspectivas que inauguram novas visadas. In. HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa; ANDRADE, Paula Deporte de (Org.). **Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

CÉSAIRE, Aimé; MOORE Carlos (orgs). Aimé Césaire: Discurso sobre a Negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ELLSWORTH, Elizabeth. *Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de*

educação também. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. *Educação e Realidade*. 33 (1): 117-134, jan/jun de 2008.

FREITAS E SOUZA, Maciana. Pantera negra e a questão da representatividade. Portal Geledés. 2019. Disponível em: < https://www.geledes.org.br/pantera-negra-e-a-questao-da-representatividade/?gclid=CjwKCAjwqeWKBhBFEiwABo_XBoM37AcPtZjhuSUWce1QEn5wEtg5uZL0vw9mVv2ivgTUChXEaEf1bBoCGG4QAvD_BwE>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

GINZBURG, Carlo. Sinais: as raízes de um paradigma indiciário. In. GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, Cia das Letras, 1989, p. 143-180.

GIROUX, Henry. Memórias e pedagogia do maravilhoso mundo Disney. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas da sala de aula*. 9ª Edição, Petrópolis: Vozes, 2011, p. 129-154.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 28-40.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, nº 1, p. 167-182, jan/jun, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem fronteiras*, v. 12, n. 1, jan/abril, 2012, p. 98-109.

GONÇALVES, Eduarda. Pequena Sereia negra e a representação inesperada. *Fala, colega!* Belo Horizonte. 27 de julho de 2019. Narrativas em debate: representatividade, empoderamento e resistência. Disponível em: < <https://falacolega.wordpress.com/2019/07/27/pequena-sereia-negra-e-a-representacao-inesperada/>> Acesso em 28 de setembro de 2021.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, vol. 22, nº 48, p. 75-90, 2020.

HERNANDÉZ, Delmy Tania Cruz. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. *Solar*, vol. 12, nº 1, p. 35-46, 2016.

HOOKS, *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*. Boston: South End Press, 1990.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

ISMAEL, Gi. #11 Ariel preta foi a gota d'água. *A união*. João Pessoa. 9 de julho de 2019. Gi com Tônica, Disponível em: <<https://auniaio.pb.gov.br/noticias/colunistas/gi-com-tonica/ariel-preta-foi-a-gota-dagua>>. Acesso em 28 de setembro de 2019.

KAECHER, Gládis. Cor da pele de quem? Representatividade na escola. Youtube. TEDx Talks. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Uw0gkV7SnUY&t=1s>>. Acesso em 12 de outubro de 2021.

KAECHER, Gládis. KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. *O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional de Biblioteca da Escola – 1999*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

MARROQUÍN, Angela Maria Rodríguez. Érase una vez muchas cenicientas: cómo leer el modelo femenino del siglo XX desde las películas norteamericanas de la Cenicienta. *Memória y sociedad*, 16, nº 33, p. 84-98, 2012.

MEINERZ, Carla Beatriz; PEREIRA, Priscila. Educação para as relações étnico-raciais e superação da branquitude. *Identidade!* São Leopoldo. v. 23, n. 1, p. 161-180. jan.– jul., 2018.

MEYER, Dagmar E. Estermann. *Identidades Traduzidas: Cultura e docência teuto-brasileira evangélica no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MOORE, Carlos. Prefácio “Negro Sou, Negro Ficarei” - A negritude segundo Aimé Césaire. In: CÉSAIRE, Aimé; MOORE Carlos (orgs.). *Aimé Césaire: Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz. In. RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NOGUERA, Renato. *Deusas e divindades: Como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*.

OLIVEIRA, Fernanda; PEREIRA, Priscila Nunes. Pensamentos de mulheres negras ao Sul do Sul: das lutas coletivas por cidadania à narrativa da existência por meio da educação. *Currículo sem fronteiras*, v.19, n. 2, p. 453-477, maio/ago., 2019.

PARADISO, Silvio Ruiz. A diáspora de Maria. Relações sincréticas e culturais entre nossa senhora, Kianda, Nzuzu, em O outro pé da sereia de Mia Couto. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 33, n. 2, p. 253-267, jul./dez. 2011.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 160-171.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo. 11(1), p. 189-195, maio de 1999.

RIGOTTI, Caroline. O pessoal está criticando a escolha da atriz de "A Pequena Sereia" e isso não faz sentido nenhum. Purebreak. 4 de julho de 2019. Disponível em: < <https://www.purebreak.com.br/noticias/-a-pequena-sereia-escolha-da-atriz-gera-polemica-e-reacao-nao-faz-sentido/88045>> . Acesso em 28 de setembro de 2021.

ROSÁRIO, Mariana. Uma atriz negra será a Pequena Sereia e tem gente que não gostou; Veja SP. 4 de julho de 2019. Pop. Disponível em: < <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/filme-pequena-sereia-atriz-negra/>> Acesso em 28 de setembro de 2021.

SANTOS, Celiana Maria dos. **Yemanjá, uma sereia?** O “mito” africano no imaginário de pescadores do Rio Vermelho em Salvador, da Bahia. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Relações Étnico-raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013, 92 p.

SCHWARTZ, Lília Moritz. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In. SCHWARTZ, Lília Moritz (Org.). *História da vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Vol. 4. São Paulo: cia das Letras, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TAVARES, Olívia Pereira. *Feminilidades (im)possíveis em Malévola: uma abordagem de gênero*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

Recebido em outubro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.